

CONVERGÊNCIA DE LINGUAGENS: O DIÁLOGO ENTRE ESCOLA E REDES SOCIAIS PARA A PROMOÇÃO DO SUCESSO ESCOLAR NA CONTEMPORANEIDADE⁶¹

Edna Maria de Oliveira Ferreira (UFRRJ/IFBaiano)

edmaof@hotmail.com

Oswaldo Barreto Oliveira Júnior (UFAC/IFBaiano)

osvaldobojr@yahoo.com.br

1. Considerações iniciais

A história da humanidade possui vários exemplos que ilustram a influência da linguagem, ou dos adventos a ela relacionados, no condicionamento das relações humanas. Por essa razão, alguns pesquisadores associam as grandes transformações sociais às mudanças ocorridas no âmbito da linguagem e da comunicação humanas. Massimo Di Felice (2008), por exemplo, discute a influência das tecnologias da informação nas formas de socialização usadas pelos sujeitos da contemporaneidade, assegurando que, historicamente, as grandes revoluções estiveram atreladas às novas possibilidades comunicativas proporcionadas por inventos tecnológicos que potencializaram as habilidades de linguagem do ser humano.

Foi assim com a escrita, que suscitou uma importante transição social: algumas sociedades orientais do século V a. C. deixaram de ser proeminentemente orais e passaram a valorizar a escrita como tecnologia capaz de mediatizar as relações entre pessoas, instituições, saberes etc. Com isso, o homem conseguiu romper com o aspecto sincrônico das interações verbais, haja vista que, mediante a possibilidade de registro escrito, as informações podiam ser escritas em um tempo e lidas em outro; o que possibilitou também a comunicação à distância. Na verdade, a escrita foi um advento tão importante que passou a influenciar as socieda-

⁶¹ Este artigo é uma versão adaptada e ampliada, com diversos trechos inéditos, do trabalho que expusemos no V Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade (2001) – Gêneros discursivos e redes sociais: aspectos definidores da produção escrita no ciberespaço – e apresenta várias ideias que agregamos durante o trabalho com leitura, escrita e redes sociais no Instituto Federal Baiano, *campus* Senhor do Bonfim.

des de várias partes do mundo, e hoje quase⁶² todas utilizam a escrita como tecnologia de comunicação social.

Segundo Felice (2008), a invenção dos caracteres móveis e o surgimento da imprensa, ocorridos na Europa do século XV, também instigaram grandes transformações sociais, pois proporcionaram a difusão do livro e da leitura, que antes eram restritos a grupos privilegiados. De fato, a possibilidade de difusão em larga escala do signo verbal escrito possibilitou a formação de maior contingente de leitores, sobretudo nos países do continente europeu. Isto é: a mudança de produção da escrita – do artesanal para o industrial – possibilitou maior acesso aos livros e, por conseguinte, à difusão da cultura leitora. Trata-se de mais uma revolução no campo da comunicação suscitada por novos aparatos técnicos que potencializaram as habilidades de linguagem do homem.

Ainda segundo Felice (2008), outra grande inovação no campo da comunicação humana foi consequência da Revolução Industrial, entre os séculos XIX e XX, que permitiu a difusão de mensagens eletrônicas, transmitidas por veículos como rádio, cinema e televisão, criando assim a cultura de massa, através da qual, grandes grupos de mídia transmitiam informação para significativos contingentes populacionais, exercendo sobre eles forte poder de persuasão e convencimento. Nessa época, havia certo “monopólio” do dizer, já que os conteúdos e ideias divulgados pelos meios de comunicação de massa eram determinados pelos gestores e financiadores desses veículos. Daí a relação dual e bem definida entre emissor e receptor, conforme explica Roman Jakobson (1992), em “Linguística e comunicação”.

No século XXI, mais uma mudança está em curso, agora proporcionada pelas tecnologias digitais, que reinventaram as formas de interação entre as pessoas, ressignificando o próprio ato de comunicar. Por esse motivo, Felice (2008) defende que essa seja a mais radical das revoluções comunicativas, haja vista que até os papéis dos interlocutores foram redimensionados, proporcionando uma revisão da estrutura opositiva entre emissor e receptor. Na rede mundial de computadores, por exemplo, esses papéis são relativizados, pois já não há uma definição tão marcada

⁶² No mundo contemporâneo, ainda há alguns registros de povos ágrafos – geralmente pertencentes a sociedades indígenas ou africanas. No entanto, a escrita assumiu tamanha relevância que, segundo Gavazzi (1994), até índios Kaxinawá, do Acre e do Sudoeste do Amazonas, estão aprendendo a escrita, para melhor compreenderem as relações de saber e de poder com os elementos dos próprios grupos indígenas e do “homem branco”.

entre os que podem dizer e os que não podem: a democracia do ciberespaço cria novas relações de poder, uma vez que ela nos permite romper a passividade, outrora inerente ao papel de receptor, para participarmos agenticamente dos processos interativos mediados nos ambientes *on line*.

Na época contemporânea, a humanidade estaria enfrentando uma ulterior revolução comunicativa, implementada pelas tecnologias digitais, que, numa concepção histórica, constituiria a quarta revolução e que, como as outras, estaria ocasionando importantes transformações no interior dos distintos aspectos do convívio humano. Nesta última, além da expansão do elemento comunicativo, que passará a permitir o alcance das informações a um público ilimitado e a transmissão em tempo real de uma quantidade infinita de mensagens, é o próprio processo e o próprio significado do ato de comunicar a serem radicalmente transformados. (FELICE, 2008, p. 22-23)

Como podemos ver, Felice (2008) afirma que as tecnologias digitais não alteram apenas a abrangência do elemento comunicativo, mas também promovem novos sentidos para o ato de comunicar, que passa a ser mais democratizado. Isso tem feito com que, em alguns países, os representantes de estruturas arcaicas de governo tenham a difusão de informações e ideias por cidadãos que vivem subjugados por regimes autoritários. Esses governantes receiam que novas revoluções sociais e políticas aconteçam, como aquelas, recentemente ocorridas no mundo árabe, que levaram à ruína ditadores como Bem Ali, na Tunísia, e Hosni Mubarak, no Egito, dentre outros.

Convém salientar que as revoluções supramencionadas foram marcadas por forte engajamento da juventude, que, sintonizadas nas tecnologias digitais, se organizaram, foram às ruas e contestaram regimes que há anos oprimiam seus cidadãos. Isso evidencia que, na contemporaneidade, os recursos digitais têm suscitado novas formas de comunicação, que alteram as relações com o saber e com o poder. Prova disso é que, em países onde a informação era fortemente controlada pelo governo, as pessoas conseguiram romper a censura e difundir ideais revolucionários de liberdade, de renovação, de contestação da ordem vigente, dentre outros.

Essas tecnologias fizeram emergir um mundo complementar, desterritorializado e sem parametrização governamental, chamado por alguns estudiosos de ciberespaço. E nesse mundo digital, no que diz respeito à comunicação humana, quase tudo é possível: interações síncronas e assíncronas; verbais, não verbais e mistas; compartilhada por pequenos e por grandes grupos; tradicionais e revolucionárias; conservadoras e vanguardistas; desprovidas de qualquer engajamento social e imbuídas de

aspirações políticas, sociais, econômicas, ambientais etc. É um *locus* que – devido à liberdade de ação, ao aspecto multimodal da linguagem utilizada e às múltiplas possibilidades de estabelecer vínculos – atrai os jovens, cuja produção escrita, nas redes sociais, pode nos revelar as novas formas de escrita que surgem no ciberespaço.

2. *Juventude e redes sociais*

São muitos os jovens e crianças que passam grande parte de seu tempo diante da tela do computador, divertindo-se, jogando, desenhando, editando textos, navegando na internet e, principalmente, lendo e escrevendo textos, nos mais diferentes gêneros discursivos, o que seria difícil imaginar tempos atrás, uma vez que o caderno e o lápis não se mostravam mais tão atrativos. Assim, pode-se afirmar que se vivem momentos de euforia na nova sociedade letrada digitalmente.

Essa mudança pode ser atribuída a fatores sócio-históricos a que está sujeita toda a sociedade depois do advento das tecnologias de informação e comunicação, em que muitos, delas se utilizam em várias de suas práticas sociais, forçados que são pelas próprias contingências do dia a dia, e assim produzem novos textos ou dão novos formatos a textos já conhecidos de todos.

Toda essa complexidade de gêneros do discurso que surge, então, está intimamente ligada às diversas esferas de atividades humanas. Ou seja, à medida que esses espaços de comunicação vão se ampliando, as diversidades de gêneros vão também acompanhando. São os “megainstrumentos que fornecem um suporte para a atividade nas situações de comunicação, uma referência para os aprendizes”, como bem define Schnewly e Dolz (1999, p. 7). Nessa lógica, são vários os gêneros discursivos⁶³ difundidos nas redes sociais digitais, cada um fazendo uso de linguagens próprias – visual, sonora, plástica, verbal, iconográfica, dentre tantas – sempre condizentes com e ajustadas à situação de comunicação e ao campo em que a interlocução se dá. Esses novos gêneros surgem dessa evolução da sociedade e acabam por incorporar as tecnologias de informação e comunicação.

⁶³ Marcuschi (2009, p. 22) define gêneros discursivos como enunciados relativamente estáveis, configurados em conformidade com as características dos atos de intercâmbio verbal e dos sujeitos neles envolvidos, que possibilitam dizer algo em uma determinada situação comunicativa.

Entendendo, então, que os gêneros textuais são enunciados relativamente estáveis, resultantes de contextos sócio-históricos e dos ambientes de interação verbal em que se dão, vemos o computador como um instrumento cultural que propicia interações virtuais nos mais variados gêneros de texto. É válido ressaltar a importância do papel desempenhado pelo “outro” no espaço de comunicação verbal, pois na posição de interlocutores, os sujeitos buscam sempre dar sentido e compreender o outro, assumindo ação responsiva ativa e dialógica.

Para tanto, esses interlocutores fazem uso de caracteretas, do alfabeto tradicional e de outros códigos discursivos mais complexos, usando de muita criatividade para a obtenção de uma interação saudável, e o mais próxima possível da interação face a face, no que se refere à compreensão e apreensão da mensagem. Dessa maneira, o ciberespaço é utilizado como mediador no estabelecimento de relacionamentos de várias naturezas, bem como estimulador de práticas de leitura e de escrita.

Leitor e escritor se alternam agora, já que o navegador da net exerce a função de coautor participante e ativo, em que o trajeto de leitura é resultante da opção que o leitor-coautor faz, já que o hipertexto lhe possibilita essa atitude via *links* presentes no texto, o que compõe o hipertexto. O leitor não mais folheia o texto, este lhe vem virtualmente e com apenas um toque a página é renovada, unindo conforto, praticidade e comodidade, o que agrada a muitos. Há ainda os que valorizam o ‘cheiro do papel’ como motivador da leitura, porém não se pode ignorar a crescente adesão aos textos midiáticos. Os *links* põem por terra a linearidade da estrutura física de cada página, resultando em várias divisões e subdivisões que incitam à leitura, despertando o gosto e a curiosidade do leitor. Toda leitura é também agora escrita. Dessa forma, cria-se uma nova concepção de leitor e de autor.

Segundo Lévy (1999, p. 264) “(...) a partir do hipertexto, toda leitura é uma escrita em potencial”. Então, o texto não apresenta mais fronteiras entre leitura e escrita, graças aos dispositivos hipertextuais e a própria rede digital: fala-se em desterritorialização do texto, ele não tem mais espaço demarcado.

Esses novos gêneros fazem uso da língua com sintaxe, vocabulário, ortografia, etc. diferentes do que prescreve a norma padrão da língua portuguesa e, embora muito debatido já na sociedade atual, através de artigos em jornais e revistas, discussões em rádio, televisão, escolas, e outros meios, é ainda um assunto polêmico e que desperta interesse tanto de

cidadãos comuns, quanto de professores e profissionais mais diretamente ligados ou interessados nesse tema. É comum vermos posicionamentos diferenciados acerca desse assunto na mídia. Criou-se até mesmo um termo “internetês” para designar essa nova forma de construção da língua, utilizada nessas interações virtuais.

Em relação a isso, ainda vale lembrar que o uso que se faz dos gêneros na *net* é espontâneo, sem exigência de conhecimento teórico consistente das teorias que os preconizam, como se fosse uma interação face a face em que a articulação da ideia visa tão somente suprir as necessidades momentâneas de interação, não demonstrando preocupações com formalidades, com o uso de uma linguagem mais monitorada. Lógico que há outras situações em que os usos são mais seletivos. As finalidades do ato comunicativo, do campo de atuação onde a ação se efetiva e das características sócio-históricas e culturais dos sujeitos do interdiscurso, como já citado anteriormente, é que vão determinar o registro⁶⁴.

Normalmente há, no mínimo, três posicionamentos a esse respeito: os que se mostram preconceituosos e classificam o uso que se faz da língua, nesses novos gêneros virtuais, como decadente, mostrando uma visão de língua bastante sistêmica; há os que adotam uma postura de aceitabilidade do novo, e o veem como consequência das mudanças sócio-históricas; há ainda os que tentam ser tolerantes com essa “mesclagem”, mas preveem problemas futuros em relação à escrita de crianças e dos adolescentes, principalmente, fora do âmbito virtual, ao ponto de se mostrar um problema maior no que se refere à inclusão dessas pessoas no universo linguístico capaz de produzir ciência, filosofia, enfim, conhecimento.

Não se quer aqui defender este ou aquele ponto de vista ou posicionamento, entretanto evidencia-se a necessidade de a escola cumprir seu papel de promotora da leitura e da cultura, oportunizando ao aluno o contato com o maior número possível de gêneros textuais, com vistas à aquisição das mais variadas possibilidades de linguagem, tanto na modalidade oral, quanto na escrita e nos diferentes registros, como forma de minar qualquer possibilidade de exclusão.

⁶⁴ Entende-se por registro a variedade linguística selecionada para veicular a ideia, seja na modalidade oral ou escrita da língua.

3. *Escola e redes sociais*

As relações humanas são fortemente influenciadas pelas tecnologias da informação e comunicação, uma vez que estas possibilitam formas de atuação inovadoras, bem como a extensão de algumas habilidades humanas, sobretudo daquelas relacionadas à comunicação social, à socialização e ao ato de aprender. Comprova-se isso quando se observa o surgimento e, até, a efervescência das redes sociais da internet, que despontam como *locus* viável de atuação no ciberespaço.

As redes sociais da internet projetam-se como espaços ativos de interação social, onde múltiplas atividades podem ser realizadas, desde a efetivação de laços de amizade ao ativismo em questões de interesse público. Recentemente, até mesmo a forma de conduzir uma campanha política foi substancialmente alterada por conta do potencial de alcance das redes sociais da internet. Um bom exemplo que pode ilustrar essa ideia é a campanha de Barack Obama para a presidência dos Estados Unidos da América, em que o então candidato conseguiu conquistar, sobretudo o público jovem, divulgando suas ideias nessas redes *on line*. Ou ainda, as novas revoluções sociais e políticas que aconteceram, mais recentemente ainda, no mundo árabe, comprovando o caráter positivo, sob o ponto de vista do exercício da cidadania, uma vez que as RSI promovem a circulação de informações e ideias de forma mais dinâmica.

Segundo Torres (2008, p. 277), as redes sociais da internet delimitam no ciberespaço um contexto de atuação onde deve prevalecer a *cyborgracia*, ou seja, uma inédita forma de interação entre as pessoas, possibilitada pelas tecnologias digitais, em que os espaços de decisões e a gestão dos territórios são compartilhados e exercidos livremente pelos participantes das redes. Dessa forma, as redes sociais da internet agrupam condições de aprendizagem colaborativa, potencializando as habilidades de comunicação do ser humano. Daí a importância de se proporcionarem discussões acerca da utilização das redes sociais em espaços escolares, a fim de inserir as novas formas de socialização experimentadas pelos estudantes na internet no rol de atividades fomentadas pela escola.

Bergman (2010) afirma que as experiências compartilhadas nas redes sociais da internet provocam mudanças bastante significativas nas formas de interação estabelecidas entre as pessoas, a ponto de suscitarem redimensionamentos dos espaços de atuação, sejam eles destinados ao lazer, sejam destinados à aprendizagem. Assim, se antes os jovens opta-

vam pelas pracinhas ou shopping centers para dinamizarem suas relações interpessoais; na contemporaneidade, isso costuma ser feito nas redes *on line*; por essa razão, essas redes configuram-se como “verdadeiros ambientes de vivência e aprendizagem”. (PRETO, 2010, p. 7)

Nessa conjetura, este artigo se insere no diálogo estabelecido pelos estudos contemporâneos que valorizam as experiências construídas nos ambientes digitais e buscam incorporá-las nos processos educativos mediados pela escola, a fim de favorecer uma educação mais sintonizada com as experiências e perspectivas do estudante da contemporaneidade.

4. Escola, redes sociais e leitura

Buscando a convergência entre redes sociais, leitura e escola, temos desenvolvido no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, *campus* Senhor do Bonfim, trabalhos que visam a incentivar a leitura de obras literárias e a discussão das mesmas através das redes sociais da internet, principalmente do *Orkut*. Para isso, incentivamos os alunos a buscarem, na biblioteca do *campus*, obras literárias de seus interesses, disponibilizamos períodos em nossas aulas para a leitura e discussão dessas obras, sobretudo para o esclarecimento de possíveis dúvidas dos sujeitos leitores, e suscitamos o debate acerca de questões relativas às obras lidas através de um perfil do *Orkut*, intitulado Rede de Sentidos.

A participação dos alunos nessa atividade foi bastante positiva, haja vista que passaram a utilizar os ambientes *on line* não apenas para divulgar mensagens corriqueiras e frívolas, mas também para dialogar entendimentos e dúvidas sobre os textos literários lidos. Com isso, conseguimos aproveitar a disposição dos alunos de dialogar na rede para promover interações pautadas na apreciação e socialização dos saberes despertados pelas leituras realizadas. Além disso, os estudantes sentiram-se estimulados a ler, ou, pelo menos, comentar as obras lidas pelo colega. Isto é: o estímulo à leitura de textos literários foi incentivado através de uma ação que, para os alunos, é bastante rotineira – a interação nas redes sociais da internet.

5. Escola, redes sociais e escrita no ciberespaço

Com o início das atividades letivas do curso de licenciatura em Tecnologias da Informação e Comunicação, em abril de 2010, os docen-

tes e discentes (turma 2010.1) do mesmo começaram a discutir a necessidade de criação de um ambiente virtual que viabilizasse a interação, a socialização e a aprendizagem além dos espaços formais do campus. Nesse contexto, embora o Setor de TI (Tecnologias da Informação) da Reitoria do IFBaiano sinalizasse com a possibilidade de disponibilização da plataforma de aprendizagem virtual *Moodle*, os professores e alunos envolvidos nessa discussão resolveram se antecipar, criando uma rede social na plataforma Ning, que permite a qualquer pessoa, ou grupo de pessoas, criar a sua própria rede social.

A opção dos alunos, referendada pelos docentes do curso, revela não apenas a necessidade de agilizar a criação de um ambiente virtual de interação social – porque esperar pela concretização do *Moodle*, via Reitoria do IFBaiano, poderia levar bastante tempo-, como também uma tendência contemporânea, já percebida por outros estudiosos da área da educação que se preocupam com questões relativas à atuação dos alunos em espaços definidos do ciberespaço: os jovens estudantes preferem as redes sociais aos propagados ambientes virtuais de aprendizagem. Por essa razão, alguns pesquisadores têm definido as redes sociais como “verdadeiros ambientes de vivência e aprendizagem”. (PRETTO, 2010, p. 7)

Desse modo, a opção pela criação de uma rede social, hospedada na plataforma Ning⁶⁵, realizada pelos alunos do curso de licenciatura em Ciências da Computação do IFBaiano, campus Senhor do Bonfim, para incentivar a convivência em um espaço virtual que, em muitos casos, têm-nos servido de ambiente de vivências e também de aprendizagens. Essa rede, cujo endereço eletrônico é <www.ifbaiano-tic.ning.com>, possibilitou-nos dinamizar nossos campos de atuação, favorecendo interações diversas: entre alunos, entre professores, bem como entre alunos e professores. Todos ligados ao curso, de alguma maneira, precisaram agir no espaço delimitado pela rede social em voga, para inserir-se no contexto das atividades que são realizadas pela comunidade que dele faz parte.

Na rede dos alunos do IFBaiano, todas as opções de uso de mídias disponibilizadas pela rede Ning foram acionadas, configurando um ambiente multirreferencial e dinâmico de convivência e de construção de

⁶⁵ A plataforma Ning oferece várias possibilidades aos participantes das redes sociais nela hospedados, como criar perfis, blogs, trocar mensagens, vídeos, fotografias etc., além de ser uma interface bastante agradável e flexível, sintonizada com outros serviços da rede, incluindo a disponibilização de diversas opções de uso de mídias.

conhecimentos, ideias etc. Assim, há na rede desde fotografias de eventos compartilhados pela comunidade estudantil, tais quais as imagens relativas aos seminários, palestras, congressos de que os membros participaram, como também ilustrações de materiais de interesse dos estudantes: o processo de discussão e escolha da camisa de cada turma, por exemplo, é intermediado pela rede, pois nela circulam, além dos modelos participantes do processo de escolha, as opiniões dos alunos sobre cada um deles.

Fica explícito, portanto, que nessa rede circulam gêneros distintos, já que as finalidades comunicativas são diversificadas: disponibilizar materiais de aula; combinar encontros para produção de trabalhos, reuniões para discutir as necessidades do curso e até mesmo confraternizações; informar datas e horários das avaliações; estruturar a formação de grupos de estudo; informar sobre mudança de horários; publicizar temas do seminário interdisciplinar; avisar sobre aulas; externar felicitações e solidariedade; divulgar eventos; criticar as condições do curso; dentre outras. Vale ressaltar que, para cada texto veiculado, os alunos costumam enviar comentários e/ou sugestões, a fim de suprir suas necessidades de interação com o outro, mediante a utilização da rede social.

6. Considerações finais

As redes sociais da internet despontam como fenômenos de maior destaque no estágio atual de desenvolvimento da rede mundial de computadores, dinamizando as relações humanas, já que se configuram não apenas como espaços de interação digital, mas também como *locus* de socialização, exercício da democracia, da cidadania e de aprendizagem.

Isso se torna evidente quando analisamos o potencial comunicativo das redes sociais da internet, haja vista que, na contemporaneidade, variados assuntos circulam na internet e encontram nas redes sociais um imenso potencial de propagação. Por essa razão, vários setores da sociedade, desde a indústria da massificação cultural até o jornalismo político, dentre outros, utilizam-se dessas redes para a veiculação de uma “mercadoria” de grande valor: a informação.

As redes sociais da internet têm, portanto, revolucionado as formas de circulação de informações e ideias, gerando uma descentralização do poder atribuído aos veículos tradicionais de comunicação, como o jornal impresso, o rádio e a TV. Assim, ao redimensionarem os espaços

de circulação de informações, as redes sociais da internet viabilizam também a aprendizagem colaborativa, construída na interação com o outro; além, é claro, de tornarem mais democráticas as formas de acesso e divulgação do saber.

Nas palavras de Bakhtin (1992, p. 123), a interação social é fenômeno fundador e mantenedor da linguagem. Nessa perspectiva, se concebermos a linguagem como elemento que viabiliza a construção do conhecimento, uma vez que, pelo seu caráter social, o homem precisa da linguagem para constituição da aprendizagem (PIAGET, 2002), devemos reconhecer o potencial educativo presente nas redes sociais da internet e acioná-lo para dinamizar as formas de interação com o saber suscitadas pela e na escola.

As experiências – realizadas no IFBaiano, *campus* Senhor do Bonfim – de uso das redes sociais como ambientes suscitadores das aprendizagens esperadas pela escola têm comprovado o expressivo potencial educativo dos ambientes *on line*, sobretudo no tocante ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Isso devido à predisposição dos jovens estudantes para atuarem na rede e à dinamização das práticas de leitura e escrita que as redes sociais suscitam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. A interação verbal. In: *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

BERGMAN, Leila Mury. Por favor, aula hoje não! o orkut, os professores e os alunos. In: COUTO, Edvaldo Souza; ROCHA, Telma Brito (Orgs.). *A vida no Orkut: narrativas e aprendizagens nas redes sociais*. Salvador: Edufba, 2010.

COLL, César; MONEREO, Carles. Educação e aprendizagem no século XXI: novas ferramentas, novos cenários, novas finalidades. In: COLL, César; MONEREO, Carles (Orgs.). *Psicologia da educação virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e comunicação*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

FELICE, Massimo Di. Das tecnologias da democracia para as tecnologias da colaboração. In: FELICE, Massimo Di (Org.). *Do público para as*

redes: a comunicação digital e as novas formas de participação social. São Caetano do Sul: Difusão, 2008.

GAVAZZI, Renato Antônio. *Observações sobre uma sociedade ágrafa em processo de aquisição da língua escrita.* Disponível em: <<http://www.emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/viewFile/956/861>>. Acesso em: 05-02-2012.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação.* Tradução J. Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1992.

LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea.* 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura.* Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais no ensino de língua. In: _____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão.* São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Língua, texto e ensino.* São Paulo: Parábola, 2009.

PIAGET, Jean. *O pensamento e a linguagem na criança.* São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Os gêneros escolares das práticas de linguagem aos objetos de ensino.* [s.l.: s.e.], 1999.